

"PROLETARIOS DE TODOS OS PAISES, UNI-VOS"

Vanguarda Socialista

PARA VEREADOR
EDMUNDO MONIZ
Candidato
Socialista

ANO II Sexta-feira, 13 de Dezembro de 1946 N.º 68 — RIO DE JANEIRO — BRASIL
Redação: AV. PRES. ANTONIO CARLOS, 207 — 3.º ANDAR — SALA 302 • Diretor: MARIO PEDROSA

Sai às 6as-feiras — Cr\$ 0,50

Os sindicatos e a ditadura getulista

O reacionarismo de um governo, à medida em que ele serve diretamente aos interesses da classe capitalista, pode sempre ser aferido pela sua política em relação aos sindicatos operários. O fascismo representa uma ditadura do capital financeiro fundido com a burocracia estatal precisamente porque a sua principal característica é a destruição da liberdade de associação e autonomia sindical dos operários, afim de privá-los da sua mais eficiente arma de combate e de educação, para a defesa de seus interesses econômicos e sociais e para o desenvolvimento da sua solidariedade social, de classe.

Pois bem, vejamos em traços rápidos a política sindical do governo do sr. Getúlio Vargas, este velho servidor de oligarquias de latifundiários, que depois passou a ser um fiel servidor de magnatas da indústria e da finança e que agora se põe a fazer demagogia "anti-capitalista" para manter seu prestígio de político profissional. A política getulista em relação aos sindicatos operários deve ser apreciada em duas fases: antes e depois da ditadura instaurada em novembro de 1937.

A primeira lei sindical decretada no Brasil data de março de 1931. Nessa época havia relativas liberdades democráticas, as massas populares estavam agitadas pela onda revolucionária que cercou o movimento de outubro de 1930, que fôra desencadeado em nome da democracia e do progresso social. Por isso, a lei sindical de março de 1931 tinha, de fato, um conteúdo democrático, e dava aos sindicatos um caráter de verdadeiros órgãos de classe, dando-lhes poderes até de fiscalizarem o cumprimento da legislação trabalhista, pelos patrões.

Em julho de 1934, veio uma segunda lei, reformando a organização sindical. Nesse tempo, também havia liberdades democráticas, a opinião pública estava agitada, o governo fôra obrigado, pela agitação causada pela revolução paulista de 1932, a convocar uma assembleia constituinte e dar ao país uma constituição democrática, que foi promulgada poucos dias após a decretação da segunda lei sindical. Apesar disso, esta segunda lei já marca um retrocesso em relação à lei de março de 1931. Ela começa a introduzir o controle estatal sobre os sindicatos, estabelecendo como uma das atribuições do sindicato "a colaboração com o poder público" e elimina alguns traços avançados da lei de 1931, como a facultade de poderem os sindicatos fiscalizar o cumprimento da legislação trabalhista pelos patrões.

De um modo geral, porém, os sindicatos tiveram vida mais ou menos independente, antes de novembro de 1937. O governo, apesar de reprimir pela violência qualquer tentativa de movimento operário, especialmente depois do golpe comunista de novembro de 1935, não tinha base "legal" para a repressão bem organizada. Havia um parlamento funcionando e estava em vigor a constituição de 1934, que, embora formalmente, garantia a liberdade sindical. Assim, não pôde o governo impedir totalmente que, embora vigiados e mantidos sob terror pelas polícias políticas, os sindicatos desempenhassem sua função de órgãos de defesa dos interesses econômicos e sociais dos trabalhadores, com certa independência.

Com a instauração do "Estado Novo", em novembro de 1937, o fechamento do parlamento, e a proibição de partidos políticos, porém, as coisas mudaram rapidamente. O fascismo organizou-se no Brasil, em benefício direto da nossa burguesia capi-

talista. Já na "constituição" decretada por Getúlio, na ocasião do golpe, foi estabelecido o controle governamental sobre os sindicatos, como um meio de evitar a sua vida independente. O dispositivo daquela "constituição" é uma cópia servil e vergonhosa da "Carta del Lavoro" da Italia Fascista, decretada em 1927, por aquele outro "trabalhista" que foi Mussolini. Vale a pena reproduzir os dois textos para se verificar a semelhança. Diz o artigo 138, da "carta" getulista de 10 de novembro de 1937: "A organização sindical é livre. Somente, porém, o sindicato regularmente reconhecido pelo Estado tem o direito de representação legal dos que participarem da categoria de produção para que foi constituído e defender-lhes os direitos perante o Estado e as outras associações profissionais, estipular contratos coletivos de trabalho, obrigatórios para todos os seus associados, impôr-lhes contribuições e exercer em relação a eles funções delegadas de poder público". E diz o artigo III, da "Carta del Lavoro" fascista, de 1927: "A organização sindical ou profissional é livre. Somente, porém, o sindicato legalmente reconhecido e submetido ao controle do Estado tem o direito de representar legalmente toda a categoria de empregados ou empregadores para que foi constituído, defender seus interesses perante o Estado e as outras associações profissionais, estipular contratos coletivos de trabalho, obrigatórios para todos os pertencentes à categoria,

impôr-lhes contribuições e exercer, com relação a eles, funções delegadas de interesses públicos".

Em julho de 1939 foi decretada uma terceira lei, regulando e aperfeiçoando o controle governamental sobre os sindicatos, estabelecido na "constituição" fascista de 1937. O controle foi estabelecido por meio da "necessidade" de submeter-se a eleição de todas as diretorias dos sindicatos à aprovação do Ministro do Trabalho. Dessa forma, a escolha dos dirigentes sindicais ficava, em última análise, a cargo do Ministro e não a critério dos trabalhadores sindicalizados.

Em julho de 1940, ainda, uma portaria do Ministério do Trabalho, que regulava as "eleições" sindicais, estabeleceu a necessidade de submeter-se os nomes dos diretores eleitos ou candidatos a eleição nos sindicatos, a parecer das delegacias de Ordem Política e Social. Por essa forma, quem passou a dominar os sindicatos foi a polícia política do ditador, que se incumbia de verificar se os candidatos eleitos eram "bonsinhos", isto é, burocratas getulistas de confiança, que não pudessem oferecer perigo aos "camaradas" magnatas da Federação das Indústrias e do Comércio. Quando eram "de confiança", os candidatos eleitos tinham sua eleição aprovada. Em caso contrário, a eleição era anulada. Dessa forma, constituiu-se uma vasta burocracia sindical, composta de indivíduos sem qualquer sentimento de solidariedade opera-

Cisão no P. T. B. paulista?

Num partido como o nosso "trabalhista", que não tem uma expressão de classe definida, não representa um determinado tipo de interesses econômicos e sociais de uma camada numerosa da população, nem apresenta uma orientação ideológica e um programa que possam marcar definitivamente seus rumos, têm de dominar os interesses carreiristas dos indivíduos ou dos pequenos grupos. Tanto mais que o P. T. B., graças à exploração demagógica do "trabalhismo" fascista do ex-ditador, conseguiu grande massa eleitoral. E isso naturalmente desperta o apetite de tudo quanto é aventureiro e carreirista que deseja montar nas costas do povo para subir na vida e encaixar-se num lugar qualquer de onde participe da máquina todopoderosa do poder estatal.

Se o P. T. B. fosse um partido que tivesse uma expressão de classe definida, como o P. S. D. ou a U. D. N., que representam setores mais ou menos diversos da burguesia brasileira, os choques de interesses pessoais não se dariam com tanta facilidade, porque haveria sempre um interesse maior — o de classe — governando os atos do partido. Mas o P. T. B. é ainda um arranjo, um agregado informe de oportunistas e aventureiros que parasitam o prestígio caudillesco, de tipo fascista, do antigo ditador e que têm atrás de si uma massa de operários muito atrasados e de pequenos burgueses ignorantes. Por isso, nele podem rebentar, a cada passo, os choques de interesses entre os chefes ou os pequenos grupos que disputam a liderança do eleitorado "trabalhista".

E' o que está se dando agora, ao que parece, de um modo espetacular, nas fileiras dos "trabalhistas" de São Paulo. O partido lá está dividido em duas alas bem distintas, ou antes, dois grupos que disputam a primazia: o dos "novos" políticos, os carreiristas e aventureiros que entraram de enxurrada para o par-

tido, para ganhar posição, comandados pelo falcateiro Borghi, e o dos "velhos" burocratas sindicais, antigos servilistas da ditadura getulista, chefiados por Frota Moreira. Ao que parece, o grupo Frota Moreira opõe-se a Borghi porque é contra a candidatura deste ao governo do Estado. Borghi, que conseguiu organizar a maquinaria do partido quase toda a seu favor, graças ao dinheiro de que dispõe, embriagou-se com o triunfo e do poder monetário quer passar ao poder político, fazendo-se eleger governador do Estado e conseguindo, ao mesmo tempo, uma "desforra" contra os que o têm combatido. Mas a antiga burocracia getulista que sabe muito bem que a candidatura Borghi, apresentada em oposição ao candidato do P. S. D. e do governo iria desgostar a este e aos grandes tubarões da burguesia industrial e bancária de S. Paulo. E os burocratas, para manterem suas posições e gosarem de prestígio precisam viver encostados à máquina do Estado e manter uma posição conciliatória-junto à burguesia. Por isso tudo o grupo Frota Moreira, ao que parece, pretende fazer força no sentido de levar o P. T. B. de São Paulo a apoiar a candidatura do P. S. D. — a do político reacionário e corrompido Mario Tavares. Mas Borghi, que tinha o partido em suas mãos, triunfou na convenção estadual e a sua candidatura foi aprovada. O grupo Frota Moreira, que antes já tentara dar um golpe, excluindo Borghi do Partido, sem lograr resultado, esperneou, estroilou e prometeu fazer isto e mais aquilo.

Até o momento em que escrevemos estas linhas, a coisa está nesse pé. É possível que o choque dos dois grupos acabe em cisão no Partido Trabalhista em São Paulo. Um dos dois grupos acabará saindo do P. T. B. e entrando para o P. S. D. ou tentando continuar a palhaçada "trabalhista" para enganar os eleitores operários, sob uma outra legenda qualquer.

ria, corrompidos e reacionários, que passaram a parasitar nos sindicatos para garantir o apoio da massa operária ao ditador e entrar qualquer tentativa de desenvolvimento do operariado. Muitos desses indivíduos conseguiram bons cargos de funcionários públicos, especialmente nos Institutos de Aposentadoria, ou passaram a receber ordenados da polícia política, afim de denunciar qualquer "agitador", isto é, qualquer operário que procurasse defender com independência os interesses de sua classe.

Essa foi a política sindical getulista durante a ditadura. Uma política de liquidação do movimento operário brasileiro pela violência e pela corrupção, para servir diretamente à classe capitalista e os interesses pessoais do ditador. Hoje, Getúlio não tem grande futuro. Sua demagogia "trabalhista" tende a desmoralizar-se rapidamente porque ele não tem o poder estatal nas mãos, que é o único meio eficiente de que dispõem os demagogos do seu tipo para mistificar as massas e manter prestígio. Fora do poder, desmoralizado pelo seu passado fascista e com grande parte das forças armadas contra ele, também a burguesia capitalista e os imperialistas-estrangeiros, a quem ele tanto serviu, não lhe darão mais apoio, a não ser que a crise política se agrave muito e essa burguesia tenha de lançar mão de "caudilhos" com algum prestígio na massa, como base de apoio para um novo fascismo.

Mas nunca é demais insistir no desmascaramento da falsa política "trabalhista" da ditadura getulista. Essa ditadura deve valer para o proletariado brasileiro como uma experiência histórica muito valiosa, como um exemplo de que os operários nunca devem confiar em "chefes" ditatoriais e devem defender intransigentemente a democracia no campo operário, especialmente no que se refere à liberdade e autonomia de associação sindical.

Antonio Corrêa

Resolverá o capitalismo o problema da habitação?

Se tivermos de caracterizar com uma palavra esse período de após segunda guerra mundial que estamos vivendo, parece que a que melhor se aplica é "escassez". É um período de escassez de tudo, e por toda parte. Numa época em que as forças produtivas chegaram a um desenvolvimento nunca visto, depois de se terem atirado ao mar ou queimado toneladas e mais toneladas de café, milho, algodão, trigo, a última guerra conseguiu fazer chegar o homem do povo a uma condição de penúria, sem pão, sem carne, sem teto.

O problema da habitação é premente por toda parte. Na Europa, onde milhares de casas foram destruídas pelos bombardeios, isto ainda se pode compreender, mas na América será preciso procurar em outras causas a explicação desse mesmo fenômeno. No Brasil, muito se tem falado a esse respeito, verificando-se que o problema não é propriamente de falta de prédios, mas decorre antes da intervenção atabalhoada do estado, que, procurando resolver as questões pela metade, só faz criar novas dificuldades.

A propriedade privada e o direito de dela auferir lucros são sagrados para o capitalismo. Todos os outros direitos, previdêncios e liberdades do homem podem ser espinhados, mas estes, nunca. Por lado, para fazer demagogia com o fito de conseguir apoio de massa, o governo anuncia que vai assegurar ao povo moradia barata e decreta

A reorganização do movimento socialista

Mais do que nunca se impõe, no Brasil, a formação de um movimento socialista, com características próprias, capaz de organizar nacionalmente, nas cidades e nos campos, as grandes massas populares.

O movimento socialista não pode ser feito numa sala, por um comitê de organização, pois isto representaria uma tentativa artificial destinada ao fracasso. A formação do movimento depende de um longo e paciente labor. Uma obra em larga escala de esclarecimento e propagação. Antes de tomar corpo partidariamente, teria que se caracterizar como um movimento de consciência.

Com efeito, para que se possa estruturar, entre nós, um partido verdadeiramente socialista, é preciso, em primeiro lugar, abrir uma larga discussão sobre a concepção atual de socialismo. Exige-se uma análise crítica de seus fundamentos e, sobretudo, da atualização de muitos de seus conceitos.

No começo, esta obra não será feita de um modo harmonioso e é preciso. Será simplesmente a junção de forças socialistas e democráticas de esquerda, anti-totalitárias, que almejam um mundo melhor onde o homem não seja explorado pelo homem. Certamente, virá grupos e elementos das mais diversas tendências e, só com o tempo, com a marcha dos acontecimentos e a dura experiência dos fatos, é que se processará a cristalização de um movimento, com bases científicas, que levará a uma magna tarefa de nossa época: a derrubada do capitalismo e o início da primeira comunidade verdadeiramente socialista.

A luta contra a falsificação dos princípios socialistas, contra o totalitarismo disfarçado de comunismo, ou melhor, a luta contra a degenerescência ideológica

e política do stalinismo encherá de certo uma quadra de trabalhos e sacrifícios, porque, indiscutivelmente, as massas permanecem iludidas e mistificadas, e o esclarecimento e a compreensão real da realidade, por mais otimistas que sejamos, não terão um curso rápido e imediato.

A luta será longa e difícil, em zigue-zague, com vitórias e derrotas, enganos e desencantos, mas, de um certo modo, compensadora, porque a mistificação tem um fim, e as palavras mentirosas não podem indefinidamente ocultar a verdade histórica.

O stalinismo terá o seu fim. Não só na Rússia como também no resto do mundo. Luís Carlos Prestes conta hoje com o apoio das massas operárias. Getúlio Vargas também. Mas o operariado tem os seus interesses de classe, objetivos em certas reivindicações tanto de caráter econômico como de caráter político. O máximo que Prestes e Getúlio podem conseguir é tapia-lo por meio de promessas demagógicas. Mas a demagogia tem os seus limites. Nem um nem outro lutam pelos interesses reais da classe trabalhadora. Prestes porque põe acima de tudo o interesse da Rússia e Getúlio o seu interesse próprio.

As contradições sociais tendem, todavia, a se agravar independentemente da vontade e dos projetos de seus falsos líderes. E chega o momento em que se quebra o equilíbrio de forças, e os interesses individuais e partidários têm que ceder às imposições dos interesses da coletividade. Então serão postos de lado e, logo em seguida, arrojados nos esgotos.

De qualquer forma, o essencial no momento é a reorganização do movimento socialista. Para nós, marxistas, que compreendemos todo o alcance do socialismo científico e, mais do que nunca, reconhecemos a veracidade de seus ensinamentos, a tarefa da formação de um novo partido exige de nós a maior soma de esforços porque somos os primeiros a reconhecer, na base do materialismo dialético, o perigo que corre a humanidade, ameaçada de ser lançada no mais negro totalitarismo econômico e político.

O mundo está nos proximidades de uma nova catástrofe, nas margens de uma nova guerra em que dois blocos imperialistas disputarão o domínio supremo do universo. As massas serão jogadas na fogueira sob o pretexto de defender a democracia contra o totalitarismo ou o socialismo contra a democracia. Só a união mundial dos trabalhadores, só a formação de um novo partido socialista que não esteja subordinado a este ou aquele bloco imperialista, enfim, só um novo movimento independente, superando todos os movimentos anteriores e deles aproveitando o seu lado positivo, poderá evitar a guerra que se aproxima, e isto só se conseguirá com a vitória do socialismo.

Nós aqui, no Brasil, apesar de vivermos num país atrasado, temos que levar a nossa contribuição, por mais modesta que seja, à reorganização doutrinária e política do movimento operário.

Esperamos, pois, que, na defesa das liberdades populares e na base de novas conquistas sociais e políticas, se unam, para colaborar numa ação comum, todos os elementos independentes, todas as forças progressivas do país que ainda podem concorrer para que sejam desmascarados e destruídos os que representam a reação e a contra-revolução, constituindo, entre nós, a ameaça totalitária.

EDMUNDO MONIZ

(Continua na 3.ª pag.)

Dialogo com Lenine, numa prisão de Staline

A resistência espontânea da classe operária contra as usurpações burocráticas mostrou que a classe operária não estava tão fraca quanto o asseverava Lenine. Se Lenine ainda estivesse de coração ao lado dos trabalhadores, teria apoiado a oposição operária que surgiu no país. Mas Lenine já estava pensando, agindo dentro do espírito da burocracia, e sentiu nesta força do proletariado uma ameaça à burocracia; e ensinou ao proletariado mais uma lição de luta de classe: uma classe que não capitula é esmagada pelos vencedores. Perante os aplausos da nova burocracia de todo o país, Lenine exclamou, no encerramento do 10º Congresso do Partido: "A oposição agora está liquidada, e já estamos fartos de oposição". Com efeito, foi este o fim da oposição legalizada; daí por diante, as prisões e o desterro se abriram para ela, até que mais tarde se erguessem forças.

A despeito dessas modificações fundamentais, a revolução continuou a se chamar "proletária" e "socialista". E o próprio Lenine ensinou a combinar uma

fraseologia radical com a repressão às classes trabalhadoras. Quando os operários vítimas das pretensões burocráticas protestavam contra a mistificação burocrática do socialismo e reclamavam que se atendessem aos seus interesses reais, Lenine não hesitava em declarar que seus reclamos eram "pequeno-burgueses", "anarquistas", "contra-revolucionários". Os interesses vitais do proletariado eram combatidos sob a alegação de que refletiam o ponto de vista estreito de uma profissão. Os interesses da burocracia, ao contrário, eram apresentados como "os interesses de classe do proletariado". O regime burocrático totalitário que se estava implantando no país estigmatizava de "contra-revolucionário" tudo que fosse social e politicamente progressista, inaugurando uma era de mentiras monstruosas, insinuações e falsificações que hoje, em sua fase stalinista — completa

e aperfeiçoada — estão estragando toda a Rússia e envenenando toda a vida pública e democrática internacional.

Assustado com esta evolução, Shlyapnikov exclamou no fim do 10º Congresso, referindo-se à resolução de Lenine contra a Oposição Operária: "Nunca na minha vida, em vinte anos de militância no partido, vi ou ouvi qualquer coisa de mais demagógica e mais deturpadora da verdade". Essas palavras de Shlyapnikov soam com um eco zangado das palavras de Thomas Muenzer que chamou Luterio de "Doutor Lugner" (Doutor Mentiroso) pelos seus panfletos defendendo a causa dos príncipes protestantes contra os camponeses protestantes. "FOI A ISTO QUE VOCE CHEGOU, LENINE, NO FIM DE SUA CARREIRA HISTÓRICA!"

Lanço um olhar perscrutador e zangado ao retrato de Lenine que está pendurado por cima da mesa de meu cubículo.

Diante de mim há dois Lenines, como há dois Luteros e dois Cromwells: os que vão à frente da revolução ascendente, e os que lhe dirigem o declínio. E toda essa mudança histórica decisiva se deu dentro de dois ou três anos de torvelinho revolucionário — na Revolução Russa como nas que a

procederam. E nós, como os homens das revoluções precedentes, ainda levamos dez ou vinte anos a discutir se esta mudança decisiva se deu ou não!

"E a sua tímida oposição, no último ano de sua vida, contra o stalinismo desenfreado, Lenine, talvez tenha sido uma tragédia pessoal para você, mas politicamente ela não foi além de uma vacilação entre o stalinismo e o trotskismo, isto é, entre os Cem Negros e as variedades liberais do burocratismo."

O destino do partido bolchevique, o destino de Lenine e de Trotsky, vieram confirmar mais uma vez que os partidos mais avançados e os maiores líderes são limitados pelas condições de tempo e de espaço e, pois, tornam-se inevitavelmente, em dado momento, conservadores e

surdos às novas exigências de seu tempo. A lenda de Lenine desenvolveu-se aos meus olhos como a santificação das mentiras e crimes da burocracia.

"A fim de destruir o poder da burocracia, que foi criado pelas suas mãos, Lenine, é preciso destruir você, destruir a lenda de sua natureza proletária infalível."

"Você não auxiliou o proletariado enfraquecido na hora de sua última prova, mas ao contrário o golpeou. Se o mundo precisava de mais uma lição, você a ensinou: E que se as massas não podem salvar uma revolução, ninguém mais a pode salvar por elas... A sua experiência, Lenine, prova que a revolução proletária só pode ser salva se for levada até a sua conclusão, à libertação completa de todas as massas trabalha-

doras. Uma revolução que não prossiga até alcançar a sua meta tem de degenerar inevitavelmente, transformando-se na dominação de uma minoria privilegiada sobre a grande maioria dos trabalhadores. As revoluções modernas têm de alcançar o socialismo ou se tornar inevitavelmente contra-revoluções anti-socialistas e anti-proletárias.

"Nem deuses, nem santos", murmurei baixinho mesmo...

E o retrato de Lenine que estava pendurado na parede de meu cubículo foi parar no chão, despedaçado...

Dentro do cubículo, está escuro... Lá fora, nos espaços livres, a noite caiu. As montanhas e as estepes dos Urais estão imersas no sono e nas trevas. Sinto-me triste e abandonado... Seis meses se passaram sem que eu pudesse falar, externar-me, desprezando o que pensei e senti no momento em que disse adeus à lenda de Lenine...

Anton Ciliga

O NIVEL DE VIDA NA RUSSIA

O jornalista Hugh Chevins, correspondente do órgão *The American Federationist* em viagem pela Rússia, enviou de Moscou recentemente interessantes reportagens que refletem certos aspectos da vida dos trabalhadores russos. Depois de descrever uma cena que presenciara diante de uma padaria, onde uma multidão mal vestida e descalça trocava pão por cigarros, Chevins observa que em geral os estrangeiros membros das delegações de comunistas ou "amigos da Rússia" que visitam o país, em grupos sucessivos e numerosos, nunca têm ocasião de observar cenas desta natureza. "Voltam da Rússia convencidos de que ali corre, se não leite e mel, pelo menos vodka e caviar". Do momento em que põem pé na terra soviética até a hora da partida, são alojados nos melhores hotéis, banqueteados como heróis e carinhosamente guiados de teatro em teatro, de cabaret em cabaret. Voltam carregados de presentes. Assim, comenta Chevins, "seria preciso muito mais firmeza de espírito do que a que demonstram em geral esses visitantes para resistir a tantas amabilidades. E eles não podem ver o aspecto sombrio do quadro, porque este lhes é cuidadosamente ocultado".

Chevins observa as enormes diferenças de salários existentes na Rússia. O salário médio de um operário, diz, é de 350 rublos, que correspondem a menos de 600 mil reis, por mês. Esta, segundo Chevins, é uma quantia que se pode facilmente gastar em uma refeição num hotel "comercial". E não pode, de modo algum, dar para comprar as rações básicas indispensáveis para alimentar uma família mesmo pequena. Para não passar fome, o operário russo (como aliás é o caso dos trabalhadores no Brasil hoje) tem de ter dois empregos, trabalhando dezesseis horas por dia, e sua mulher também tem de trabalhar.

Enquanto isto, os membros das classes privilegiadas, a "intelligentsia", ganham centenas de milhares de rublos por ano. É isto o que ganham, por exemplo, os autores de livros populares, em direitos autorais, e certos cientistas empenhados em pesquisas que interessam à guerra. Retiram dos cofres públicos quantias ilimitadas. Por outro lado, o correspondente norte-americano observa que, em contraste com os Estados Unidos onde o imposto de renda é progressivo, chegando a corresponder a mais de metade dos rendimentos elevados, na Rússia o imposto só aumenta para os salários de até mil rublos por mês, não excedendo nunca de 13 por cento.

"Promete-se" diz Chevins, "melhorar a vida do trabalhador médio — se ele trabalhar muito — ao fim do Plano Quinquenal, em 1950, quando seu salário deverá chegar a 500 rublos por mês. Mas não há nos discursos ou documentos oficiais soviéticos o menor indicio de que a renda nacional venha a ser distribuída mais equitativamente. As grandes somas que percebem os inventores, escrito-

res ou os comerciantes que negociam no mercado negro não se tomam em conta no estabelecimento do salário médio de 1950.

"Nesse ano, a população operária da Rússia — exclusive as forças armadas, os trabalhadores forçados, os lavradores dos coletivos e os que trabalham para o mercado negro, — terá subido para 35 milhões e meio, quando hoje é de 26 milhões".

Também Chevins não parece ter tido ocasião de penetrar na vida íntima do operário médio russo, mas sempre conseguiu ficar sabendo como vivem os trabalhadores que correspondem às nossas classes médias. Conta, por exemplo, o caso de um chefe de seção de uma fábrica de produtos químicos, que ganha 1,300 rublos por mês, de que se deduzem, em impostos e para compra de bonus, 450 rublos. Ao total líquido de 850 de ordenado, acrescenta-se um abono de mil rublos mensais que ele recebe pelo bom rendimento do trabalho na sua fábrica. Como muito outros cidadãos soviéticos, ele não acredita que um emprego seja suficiente. Ganha mais 1250 rublos ensinando línguas durante de 120 a 130 horas por mês, dos quais sofre mais uma dedução de 400 rublos de imposto e bonus de guerra.

Sua mulher também trabalha, e seu ordenado de 850 rublos por mês, depois de feitas as deduções, lhe deixa um rendimento líquido de 600. Assim a família tem por mês uma renda líquida de 3,300 rublos, que é quase dez vezes mais do que ganha um operário em média. Além disso, a família — o casal e dois filhinhos — paga de aluguel a insignificância de 30 rublos por mês. Moram, é verdade, em um só comodo de uns quatro metros por cinco, tendo direito a uma cozinha comum onde todas as donas de casa do quarteirão preparam suas refeições. Quanto a banheiro, não se faz menção.

Vinte rublos por mês pagam o aluguel dos móveis, quinze rublos a eletricidade, cinco a água e três a coleta do lixo. O total das rações a que a família tem direito custa apenas 500 rublos por mês, mas são tão insuficientes que é preciso comprar no mercado "livre", nas lojas "comerciais" ou no mercado negro gêneros alimentícios a preços altos, que dão uma despesa de 2,500 rublos por mês, para alimentar a família.

Restam, pois, duzentos e poucos rublos para roupas, diversões e economias. Roupas de boa qualidade só existem nas lojas "comerciais", onde 6 mil rublos é um preço comum.

É fácil, conclui Chevins, calcular-se com que dificuldades luta essa família. Mas quanto ao operário que só ganha um salário médio, é mais difícil imaginar-se de que modo ele vive com sua família.

Pelo que se vê, a carestia da vida, a insuficiência dos salários, a dificuldade em conseguir alimentos e a impossibilidade de equilibrar o orçamento de uma família não são fenômenos peculiares ao Brasil de Getúlio e de Dutra.

ACÓRDO ENTRE COMUNISTAS E TROTSKISTAS NA GRÉCIA

Um acordo escrito foi concluído a 11 de setembro deste ano entre o Partido Comunista Grego e o Partido Internacionalista da Grécia (IV Internacional) a fim de organizar uma discussão comum, segundo anuncia o jornal francês trotskista "La Lutte Ouvrière" de 19 de Outubro. Davis a seguir o texto desse acordo:

"Para melhor desenvolvimento das conferências comuns decididas pelo Partido Comunista Grego e o Partido Internacionalista (IV Internacional), as condições seguintes foram aceitas de comum acordo:

1-O tema da primeira conferência será: "A situação interior da Grécia e a posição da classe operária";

2-Para os temas das conferências que se seguirão (segunda, terceira e quarta) cada organização fará propostas e, em caso de desacórdio, a questão será resolvida por sorte;

3-Uma comissão será formada, composta de um representante de cada partido para a organização técnica das conferências, segundo as estipulações do acordo escrito;

4-A primeira conferência se realizará em um teatro ou em auditório central de Atenas, a 22 de setembro de 1946;

5-A discussão será dirigida por um presidium comum de dois membros, sendo presidente o representante do partido opositor ao do orador.

A ordem será mantida por dez membros responsáveis de cada partido;

6-Haverá quatro oradores, sendo dois de cada partido; o primeiro falará durante trinta minutos, o segundo, quinze minutos, e o orador, encerrando a discussão, vinte minutos;

7-E o orador do partido que propôs o tema da conferência que tomará a palavra em primeiro lugar, o representante do outro partido falará em seguida, depois os dois outros oradores;

8-A audiência será composta de membros, de simpatizantes e de operários não afiliados convidados pelos dois partidos, por meio de convites que serão impressos pela comissão de organização e distribuídos responsavelmente pelos dois partidos;

9-Os convites terão o direito, no fim de cada conferência, de exprimir sua opinião, escrevendo num papel o nome do partido e as teses com as quais esteja de acordo, e colocando este papel em uma urna especialmente colocada na saída da sala".

Como se vê os trotskistas gregos nem sequer colocaram como preliminar para a organização dessas conferências comuns com os comunistas que se discutissem nelas questões de divergências profundas entre os dois partidos, ou problemas de política internacional. Ao que parece, essas questões foram consideradas secundárias por uns e outros.

Veremos em que vai dar tanta boa vontade... mútua.

O QUE ACONTECEU EM HIROSHIMA SEIS SOBREVIVENTES

ALBERT GATES

A revista *The New Yorker* dedicou o seu número de 31 de Agosto a uma descrição dos efeitos do bombardeio atômico de Hiroshima, escrita por John Hersey. A imprensa referiu-se a essa reportagem como "sensacional". O simples fato de que essa revista tivesse dedicado todo um número a ela é bastante raro para uma publicação que em geral se especializa em assuntos humorísticos para atender às "necessidades culturais" das classes médias abastadas. Esse fato se deve inteiramente à importância literalmente sísmica da descoberta do controle da energia atômica, e ao perigo daí decorrente para a humanidade.

A reportagem de Hersey é muito simples. Pode ser tudo, menos "sensacionalista". A narrativa começa na manhã em que explodiu a bomba, e se desenrola em torno de seis pessoas, em redor das quais se dão os acontecimentos. Foram seis sobreviventes da desintegração de que foi vítima a região atingida. Hersey conta quem eram, suas ocupações e as tarefas adicionais impostas pela guerra, e o que estavam fazendo no momento da explosão, e acompanha seus movimentos, suas atitudes e reações até quando começou a "cura de Hiroshima".

UMA RESPOSTA A COMPLACENCIA E AO FINGIMENTO

Ao contar o que sucedeu à cidade e a seus habitantes, Hersey não recorre a palavras bombásticas. A força da história está em sua simplicidade; é a narrativa de um fato após outro, de um detalhe apavorante atrás de outro. O arrastamento da cidade, o desmoronamento do povo, as características assombrosas e desconhecidas de um cataclisma — tudo isto a narrativa conta em cores vivas, ou sugere nas entrelinhas. Assim, Hersey conseguirá vencer grande parte da complacência com que se passou a encarar a bomba nos últimos meses, como consequência das notícias "sensacionais", da propaganda propagada dos militaristas profissionais dos departamentos da Guerra e da Marinha e de seus irmãos dos outros países.

Os exageros do sensacionalismo tendem sempre a diminuir a impressão da realidade. No caso da bomba atômica, as especulações dos cientistas levavam de tal modo a atribuir muitos poderes inexistentes à nova descoberta que o efeito inevitável foi uma reação de descrença no seu poder destruidor.

Militares profissionais, congressistas e funcionários governamentais, sob a influência da casta militar, fizeram uma discussão pública da bomba atômica destinada expressamente a produzir os resultados acima apontados. Quando os cientistas salientam a impossibilidade de defesa contra a bomba atômica, dão-nos argumentos capciosos sobre quantas bombas são precisas para destruir uma cidade, como a monopolização da bomba pelos Estados Unidos é uma garantia de segurança e imunidade para seu povo; e como uma ofensiva atômica salvará este país na próxima guerra. Ou então, oferecem-nos o espetáculo dos políticos capitalistas adotando uma legislação

que imporia à ciência uma camisa de força totalitária no intuito de conservar em segredo uma descoberta científica que não pode permanecer em segredo.

Assim, desvia-se o verdadeiro problema da bomba atômica, de seu terrível poder destruidor e do perigo que ela representa para o povo, para uma discussão sobre se o exército agora deve ser maior ou menos, se a marinha está antiquada, etc. Tudo isto tende a desviar a atenção, para que não se pense no destino cruel que espera a humanidade em uma nova guerra.

A HISTÓRIA DE SEIS SOBREVIVENTES

A narrativa de Hersey recoloca tudo em sua devida perspectiva. Os cálculos da "ciência" militar, as especulações dos medalhões e dos homens públicos ficam perdidos na realidade de uma explosão atômica sobre o povo. Retrocemos à manhã de 6 de Agosto de 1945, e somos apresentados a seis pessoas: A Srta. Toshiko Sasaki, empregada de escritório da Fábrica de Estanho do Leste da Ásia; o Dr. Masakazi Fujii, que estava lendo o jornal *Asahi* de Osaka na varanda de seu hospital particular; A Srta. Hatsuyo Nakamura, viúva de um alfaiate, que se distraía vendo um vizinho deitar abaixo a casa "porque ela ficava no caminho de uma linha de fogo da defesa anti-aérea"; o Reverendo Wilhelm Kleinsorge, padre alemão da Companhia de Jesus; Dr. Terufumi Sasaki, jovem médico do quadro de cirurgias do Hospital da Cruz Vermelha, e o Reverendo Kiyoshi Tanimoto, pastor da Igreja Metodista de Hiroshima.

Estas seis criaturas cuidavam nesta manhã de seus afazeres cotidianos. Mas não reinava a calma no seu espírito. Todos sabiam que, das cidades, importantes, só Kyoto e Hiroshima ainda não tinham sido visitadas pelo destruidor Sr. B, como os japoneses chamavam os B-29. As histórias dos terríveis efeitos dos raids aéreos em outras cidades eram conhecidas de todos. Hiroshima já recebera muitos avisos. Aquela região parecia ser um ponto de referência para os raids aéreos pelo país. Estes fatos "enervavam muito os cidadãos, e corriam rumores de que os americanos estavam reservando qualquer coisa de especial para a cidade".

Esses rumores não eram sem fundamento. Chegou a hora da coisa especial. "Não houve ruído de aviões. A manhã estava calma; o tempo fresco e agradável. De súbito, um clarão sem igual percorre o céu. O Sr. Tanimoto lembra-se distintamente que o clarão atravessou de leste para oeste, da cidade em direção às montanhas. Parecia um pedaço de sol". (Isto foi a duas milhas do centro da explosão).

Em um ponto a três quartos de milha, "quando a Sra. Nakamura estava vendo o vizinho trabalhar, de repente tudo ficou de um branco mais claro do que qualquer luz que ela já vira". O hospital do Dr. Fujii à beira do rio Kyo ruíu. O padre Kleinsorge disse que a explosão "lhe fez lembrar-se de uma história que lera quando criança, sobre um enorme meteoro que se chocaria com a terra... (ele nunca soube como safu da casa. Quando voltou a si, estava va-

gando pela horta da missão, de manga de camisa e sangrando um pouco por uns talhos no flanco esquerdo; todos os prédios das redondezas estavam desmoronados, exceto o da missão jesuíta que fora duplamente reforçado e escorado..."

A CIDADE-PESADELO

O Dr. Sasaki estava trabalhando no hospital. "Estava a um passo da janela quando a luz da bomba se refletiu, como uma colossal luz de magnésio, no corredor. Ele caiu de joelhos... quando o estrondo abalou o hospital (a mais de duas milhas). Os óculos que ele trazia voaram de seu rosto; a garrafa de sangue (que estava sendo examinado) foi quebrar-se contra a parede; seus chineses japoneses voaram de seus pés... No hospital reinava uma confusão horrível; pedaços do teto e divisões internas caídas por cima das camas dos doentes, outras camas de pés para cima, os vidros das janelas tinham voado aos pedaços e cortado muita gente, tudo estava respingado de sangue, os instrumentos espalhados por toda parte, e muitos dos doentes corriam de um lado para outro, como loucos, enquanto que muitos outros estavam estirados no chão, mortos".

E não foi tudo. O doutor pensou que só o seu hospital tivesse sido atingido por uma bomba. Mas, "lá fora, por toda a cidade, homens feridos e moribundos se arrastavam para o hospital da Cruz Vermelha, no começo de uma invasão que iria fazer com que o Dr. Sasaki esquecesse por muito tempo o seu pesadelo pessoal".

A explosão foi seguida de incêndio. O desmoronamento de grande parte da cidade e o fogo tornaram muitas ruas intransitáveis. As vias públicas estavam coalhadas de gente e de escombros. As chamas das casas de madeira perseguiram a tudo e a todos que lhes passassem pelo caminho. Foi preciso desistir logo das tentativas de extinguir o fogo. Os montes de cadáveres, as dezenas de milhares de criaturas fugitivas — homens, mulheres e crianças — as casas em ruínas e a falta de água impossibilitavam qualquer ação até mesmo para evitar que o pandemônio crescesse. Só os que ainda eram capazes de fugir escaparam. Muitos morreram tentando salvar os seus que estavam presos entre as chamas.

Esses seis sobreviventes de Hiroshima sofreram todos os efeitos da bomba. Talhos de estilhaços de vidro, queimaduras, efeitos da radioatividade, ferimentos produzidos por pedaços de casas ou objetos a cair — ninguém escapou de uma ou outra marca da bomba "humanitária". Como os outros habitantes da cidade, eles remexeram os escombros à procura de amigos, prestaram socorros urgentes, encaminharam outras vítimas aos pontos menos atingidos. Aquela massa humana se escondeu para as extremidades da cidade — bairros residenciais ricos, as margens do rio, o Parque de Asano. Mas, onde quer que se fosse, já havia multidões de feridos, com suas chagas abertas, seus padecimentos incríveis. E tinham de suportar tudo isto sem água e sem cuidados médicos.

(Continua)

VOTAE EM

Edmundo Moniz

DOCUMENTOS DO MARXISMO

HERR VOGT

KARL MARX

INTRIGAS CZARISTAS NA ITALIA

Depois que em 1843, — sem êxito — Nicolau se voltou para a "Jovem Itália" enviou M. von Buteneyev a Roma, em março de 1844, Buteneyev notificou ao papa, em nome do czar que a Polônia Russa devia ser cedida à Áustria, em troca da Lombardia, que devia constituir um reino norte-italiano, sob Leuchtenberg. O Tablet, então o órgão inglês da Santa Sé (abril de 1844), observou acerca dessa proposta "Ingrã a corte romana, a sedução deste belo plano está em que a Polônia passa para as mãos católicas, ao passo que a Lombardia permanecerá como dantes, sob uma dinastia católica. Mas os diplomatas veteranos de Roma perceberam que ao passo que a Áustria mal pode manter as suas próprias possessões e com todas as probabilidades, deve, mais cedo ou mais tarde, entregar as suas províncias eslavas, uma transferência da Polónia para a Áustria, mesmo que fosse séria a intenção quanto a esta parte da proposta, não passaria de um empréstimo a ser pago mais tarde; ao passo que a Itália do Norte cairia de fato sob a proteção russa, com o duque de Leuchtenberg e em breve ver-se-ia inevitavelmente sob o cetro russo. Em consequência, o plano tão ardentemente recomendado foi posto de lado por algum tempo".

Isso diz o Tablet de 1844. A única circunstância que justifica o estado de existência da Áustria desde o meado do século XVIII, é a sua resistência aos avanços da Rússia na Europa Oriental — resistência inconsistente, covarde, mas obstinada — induz Vogt a descobrir que a "Áustria é o esteio de todo o cisma no Leste" (L. c. pag 56). Com uma certa simplicidade, "que tanto se adapta ao seu estilo, gorduroso Vogt explica que a aliança russa com a França, contra a Áustria, além das tendências libertadoras do "czar benevolente", pela in-

gratidão da Áustria, pelos serviços prestados por Nicolau durante a revolução húngara." Na própria guerra da Criméia a Áustria, chegou aos extremos limites de neutralidade armada, hostil. E' evidente por si que essa conduta, que, além disso trazia o cunho do embuste e da perfídia necessariamente irritava, a um grau enorme, o governo da Rússia contra a Áustria e daí, também o impelia para a França". (L. c. pags. 10, 11). A Rússia segundo Vogt, prossegue uma política sentimental. Os agradecimentos que a Áustria apresentava ao Czar, á custa da Alemanha, durante o Congresso de Varsóvia de 1850, e por meio da expedição de Schleswig-Holstein, não bastam para satisfazer o grato Vogt.

O diplomata russo Pozzo de Borgo, no seu famoso despacho de Paris, (dezembro de 1825), diz, depois de ter citado as manobras da Áustria contra a intervenção da Rússia nos planos de Leste: "Nossa política nos manda pois mostrar esse Estado (a Áustria) sob uma luz terrível e convencê-lo por nossos preparativos, que se ela ousar empreender um movimento contra nós, a maior tempestade que ela terá experimentado algum dia reventará sobre a sua cabeça." Depois de ter ameaçado com a guerra do

exterior e a revolução, dentro, Pozzo caracteriza o arrebatamento, pela Áustria, das "províncias turcas prometidas," como um solução pacífica, mas descreve a Prússia simplesmente como um aliado subordinado da Rússia e continua: "Tivesse a corte de Viena concordado com os nossos bons propósitos e intenções, o plano do Gabinete Imperial já teria sido há muito realizado — plano que inclui não somente a tomada dos principados do Danúbio e de Constantinopla, mas até mesmo a expulsão dos turcos da Europa". Em 1830, conforme é sabido, foi concluído um tratado secreto entre Nicolau e Carlos X. Esse tratado foi estipulado assim: a França permite à Rússia que arrebatada Constantinopla e como compensação, recebe as províncias do Reno e a Bélgica; a Prússia é compensada com o Hanover e a Saxonia; a Áustria recebe uma parte das províncias turcas sobre o Danúbio. Sob Luís Philippe, o mesmo plano foi mais uma vez apresentado ao Gabinete de S. Petersburgo, por Mole, sob sugestão russa. Imediatamente depois Bronnov viajava para Londres com o documento e o comunicava ao governo inglês como prova da traição da França e o documento foi usado para a formação da coalizão contra a França, em 1840.

Vejam agora de que maneira se supunha que a Rússia explorasse a guerra italiana, de acordo com a França, segundo a concepção de Vogt, inspirado nas fontes originais parisienses. A composição "nacional" da Rússia e especialmente a "nacionalidade polonesa", parecem apresentar algumas dificuldades para um homem cuja "estrela polar é o princípio de nacionalidade", "mas ao passo que o "princípio de nacionalidade nos é caro, o princípio de auto-determinação o é ainda mais". (Página 12 L. c.)

ASPECTOS ECONÔMICOS

Bunge & Born, trust imperialista monopolizador do mercado brasileiro do trigo

Era nosso propósito apresentar aos leitores de VANGUARDA SOCIALISTA, em vez das ligeiras notas de hoje, um "dossier" completo da existência do grande trust internacional, conhecido pela razão comercial de Bunge & Born, e das atividades que exerce no mercado nacional de trigo. Um dos primeiros cuidados que teve essa firma ao estabelecer seus tentáculos até nosso país foi, como dissemos em outra oportunidade e aqui destas colunas, dar início a uma política de asfixia à produção de trigo no Brasil. Dispondo de ilimitados recursos financeiros e encontrando o triticultor brasileiro "totalmente esquecidos dos poderes públicos", não foi difícil a tarefa que Bunge & Born se impuseram de liquidação de um concorrente que poderia lutar vantajosamente com o cereal que seus moinhos deveriam receber da república Argentina. O Brasil já foi grande produtor e mesmo exportador de trigo, e se em nossos dias está reduzida sua produção a pouco mais de vinte por cento do consumo nacional é em virtude dos efeitos deletérios da atividade comercial de Bunge & Born neste continente.

distribuição de farinha em todo o nordeste do Brasil. Muito embora estejamos informados que o Moinho Inglês, desta praça, é também uma das muitas modalidades comerciais sob que se oculta o poderoso trust, não podemos com segurança afirmar a identidade financeira de ambas as firmas; apesar de todas as reservas, porém, de que se reveste o negócio, pois até a razão comercial do Moinho Inglês é inglesa — The Rio de Janeiro Flour Mills and Graneries Ltd. — tudo nos leva à convicção de que se trata da mesma entidade financeira: Bunge & Born.

É com essa poderosa rede de moinhos que o trust moageiro internacional domina e monopoliza o mercado nacional de trigo, impondo quando quer e como quer o preço da farinha de trigo em nosso mercado. Nada, absolutamente nada faltou e falta ainda hoje para caracterizar o monopólio que Bunge & Born desfrutam em nosso meio, visto como seu domínio se estendeu às padarias às quais financiam, quando não foram ao extremo mesmo de montarem novos fornos nesta capital e em muitas cidades do Brasil, seja diretamente, seja por intermédio de organizações comerciais que lhes são subordinadas.

Como produtores de trigo na república argentina e moageiros no Brasil, Bunge & Born são ao mesmo tempo vendedores e compradores de sua própria mercadoria, o que lhes dá uma oportunidade rara de manobrar livremente o mercado brasileiro e tirarem grande partido quando

comparecem aos mercados mundiais como vendedores de trigo argentino Bunge & Born, moageiros em nosso país, compram a Bunge & Born, produtores e exportadores de trigo na Argentina, quando mais elevada é a cotação do artigo naquele mercado, matando-se assim de uma só cajadada dois coelhos: conseguem manter elevado o preço do trigo no mercado portenho e, porque teem garantido um grande mercado consumidor no Brasil, só comparecem nos mercados internacionais quando o preço ali corresponde a seus interesses.

Não obstante Bunge & Born dominarem o mercado nacional de trigo, dominação que, como dito acima, começa pelo controle da produção que é por eles financiada e se estende até o consumidor, apesar do monopólio incontestado que desfrutam na distribuição desse cereal e produtos afins em nosso país, o Brasil não está recebendo o trigo necessário ao consumo normal do seu povo. Por que?

Antes de mais nada, convém lembrar que a produção de trigo na Argentina tem declinado desde 1940, quando foram ali colhidas 8.150.000 toneladas. A partir daquele ano, a produção vem diminuindo sempre, sendo que na colheita de 1945/46 não foram conseguidas senão 3.907.000 toneladas, o que representa cerca de 55 por cento no período que vai de 1940/41 a 1945/46.

Os fatores concorreram para esse fenômeno: diminuição da área cultivada e queda de rendimento cultural propriamente dito. Assim, em 1940/41 a área cultivada pelos triticultores argentinos era de 7.084.800 hectares, ao passo que em 1945/46 não só de 5.761.100 hectares foram semeados. No que toca ao rendimento cultural, segundo dados fornecidos pelo Ministério da Agricultura da república platina, houve uma queda de 1.213 quilos por hectare, que foi no primeiro dos períodos mencio-

nados, para 995 quilos que foi no último.

Para a diminuição do plantio de trigo na Argentina não temos indicação dos motivos que determinaram o fato, nem sequer temos elementos para conjecturas; no que toca, porém, à queda do rendimento cultural nós podemos com todos os fundamentos pensar que isto se deu em virtude de ficarem os argentinos privados, por causa da guerra, do adubo necessário às suas plantações. A Argentina como o Brasil, não possui indústria química e, assim sendo, tem de receber os produtos dessa indústria das grandes centros manufatureiros. A Alemanha, com suas fábricas de Leuna, era a grande fornecedora de adubos químicos, adubos esses que o bloco aliado privou o mundo de receber.

Não são, porém, esses os únicos fatores que estão concorrendo para que Bunge & Born deixem de suprir convenientemente o mercado nacional. O governo brasileiro, taxando a farinha de trigo, impedindo que o preço do trigo do mercado nacional pudesse ser livremente manipulado, fez com que o grande trust buscase outros mercados onde conseguia preços mais altos para as colheitas de trigo argentino. Como haviam desaparecido desses mercados os vendedores que, em virtude da guerra, ali não podiam comparecer, não era difícil a Bunge & Born ótimos preços para o artigo que, sem concorrência, passaram a ser os únicos distribuidores.

É certo que o governo argentino havia firmado contratos para entregas de trigo ao Brasil. Mas a república vizinha interessa muito mais a venda de seu trigo para o exterior, por preços mais elevados, como o estava fazendo o grande trust. Para se eximir do cumprimento de seus contratos com o Brasil havia a alegar ter nosso país não somente deixado de embarcar o tecido vendido pelas fábricas brasileiras aos compradores argentinos como também não estar oficialmente cumprindo os contratos de entregas de pneumáticos. Este produto de nossa pequena indústria, seja dito de passagem, não chegava para o "câmbio negro" que dele passaram a fazer, segundo está publicado na imprensa brasileira, membros de nossa embaixada na república vizinha.

Esses em largos traços os elementos que servem para caracterizar a existência do trust no mercado nacional de trigo de que ainda pretendemos tratar tão logo tenhamos colhido todos os detalhes de que necessitamos, como sejam capital e reservas de Bunge & Born em nosso país e na Argentina, balanços anuais dos moinhos acima enumerados, presença do mesmo trust em outros negócios como os de algodão em cujo mercado ele comparece sob a razão comercial de Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil (SANBRA), além das eventuais e possíveis ligações que o mesmo trust mantém com moinhos de menor importância.

Pirajá

Assinai "VANGUARDA SOCIALISTA" O jornal do proletariado

Porque Staline perdeu na Alemanha

Damos abaixo um artigo de André Martin, correspondente do jornal socialista norte-americano The Call, que estava na Alemanha por ocasião das últimas eleições realizadas em Berlim. Seus comentários são mais um testemunho da falência do Partido Socialista Unitário organizado pelos comunistas, e vêm confirmar outras notícias e reportagens já publicadas em Vanguarda Socialista sobre este assunto.

Quando eu era menino, li os livros de Stanley sobre a Africa, e ficava horrorizado com as histórias sobre os traficantes árabes de escravos, que arrancavam os pacíficos lavradores negros de suas choupanas. Consolava-me porém a idéia que tais infâmias eram impossíveis em terra de "brancos".

Mas isto foi há muito tempo e as coisas mudam. Hoje, no coração da Europa — em Berlim — os soldados de Staline arrancam de seus lares operários e técnicos alemães, e os despacham para a Rússia, onde há necessidade de trabalho escravo.

Os operários berlineses tinham de ser castigados porque derrotaram o grande Staline Mas a sinistra vingança do Kremlin também é um indicio de seu recuo.

Deixei Berlim poucos dias antes das eleições municipais. Os burocratas russos estavam pondo em execução uma nova política. iam integrar a sua zona da Alemanha no sistema econômico socialista. Acabavam de declarar propriedade do estado russo as fabricas alemãs mais importantes (as que não tinham sido transferidas para a Rússia), e as estavam fazendo trabalhar para o plano quinquenal. Tinham mesmo devolvido máquinas carregadas uns meses mais cedo.

Com o auxilio do chamado Partido Socialista Unitário (S E D), esperavam converter o povo alemão em verdadeiros adeptos do Kremlin.

Seu principal engano foi pensar que todos os membros do SED fossem stalinistas sinceros, quando entre eles há muitos que desaprovam a política russa. Muitos viam no SED o menor mal, porque os capitalistas e os grandes proprietários de terras eram expropriados na zona russa, enquanto que no ocidente tenta-se restabelecer o capitalismo. Também não se esquecem do papel que o Partido Social-Democrata desempenhou na Alemanha no passado, e ainda acreditam que talvez ainda restasse no partido stalinista algu-

ma coisa das tradições revolucionárias.

Aliás, muitos membros do SED já estavam enjoados com a política stalinista para querer deixar o partido. Mas havia ameaças. Quem deixa o partido pode desaparecer, ou pelo menos perder o emprego. E também houve suborno. Os membros do partido arranjavam empregos melhores, seus filhos conseguiram bolsas de estudo. Por isso, custava-se a tomar a decisão de romper com o partido. Mas havia indícios de que os verdadeiros stalinistas não podiam confiar nos membros do partido. Em eleições para comitês de fábricas, os candidatos do SED tiveram menos votos do que havia membros do partido na fábrica. E nas eleições municipais, a completa falência do partido unitário se tornou patente.

Durante a campanha eleitoral, os agentes do Kremlin recorreram a todos os meios de persuasão imagináveis. Distribuíram alimentos e carvão. Espalharam o boato de que o Exército Vermelho cortaria a energia elétrica de Berlim e impediria os carregamentos de alimentos e carvão de entrarem na cidade se Berlim caso não votassem no SED.

Confiscaram os cartazes e folhetos de propaganda dos social-democratas no setor alemão de Berlim. Chegaram até a permitir que os líderes do SED desmentissem Molotov, declarando que a perda do leste da Alemanha não era irrevogável.

Nenhum outro partido podia cocorrer com a propaganda do SED. Cartazes gigantescos no estilo pomposo dos nazistas convidavam o povo a votar pelo partido stalinista. Mas os berlineses estão imunizados contra a propaganda. Goebbels lhes deu doses excessivas dela. Ainda assim, duas semanas antes da eleição nem o anti-stalinista mais otimista esperava que os stalinistas só obtivessem 19 por cento dos votos.

Esta derrota absoluta provou que o partido Unitário foi uma experiência fracassada. O Kremlin já está mudando a política na Alemanha, e abandonou a idéia de integrar a "Alemanha soviética" ao estado russo. Recomeçou a política de saque à indústria alemã, e os operários alemães são considerados parte do equipamento transferido para a Rússia.

O povo alemão está sofrendo nova onda de terror. Mas não há dúvida de que o stalinismo sofreu uma derrota decisiva e foi forçado a recuar.

ANDRÉ MARTIN

"Quando o Estado reduz as suas funções essenciais ao registro e ao controle dos próprios trabalhadores, deixa de ser o "Estado Político", e as "funções públicas", de políticas que eram, passam a ser simplesmente administrativas". (F. Engels, "Polêmica os com anarquistas")

Como é já hoje do domínio público, o Brasil é o único país do mundo localizado entre 20 e 60 graus de latitude que importa todo o trigo necessário a seu consumo. Dotado embora de terras e de condições mesológicas adequadas à cultura do mais importante dos cereais, está hoje nosso país na absoluta dependência do trigo que os moinhos desse grupo de monopolizadores recebe do estrangeiro. Bunge & Born, seja dito ainda uma vez, dominam o comércio de trigo desde o produtor argentino até o consumidor nacional; o monopólio que exercem, no que se refere à importação, à moagem, e à distribuição de farinha de trigo no mercado nacional, é completo e já não é mais disputado por nenhum outro concorrente. O único moageiro que tentou aqui quebrar esse monopólio teve de suportar uma guerra de morte e se não desapareceu como entidade moageira foi porque os sucessores de Zeferino de Oliveira preferiram entrar em acordo com o trust todo poderoso e consentiram em aceitar o papel de meros distribuidores do trigo que Bunge & Born lhes passaram a fornecer. Apesar da real prosperidade e da aparente independência de que desfruta o Moinho da Luz, na verdade ele mais não é do que uma espécie de sucursal de Bunge & Born; preferiram os dirigentes do único moinho verdadeiramente nacional submeterem-se às condições impostas pelo polvo internacional a sustentarem até as últimas consequências a guerra de destruição que contra eles já fora iniciada.

Possuem Bunge & Born, ao todo, quatro grandes moinhos em nosso país: o moinho santista, o moinho fluminense, o Barra Mansa e os grandes moinhos de Recife, encarregados estes da

Assinai "VANGUARDA SOCIALISTA" O jornal do proletariado

Resolverá o capitalismo

(Continuação da 1.ª pag.)

se insurgiram abertamente contra isto, porque tal programa viria ferir o sagrado direito da "livre empresa". O jornal socialista "The Call", reportando as discussões havidas em uma reunião pública de que participaram os representantes destas companhias e onde a sua atitude nesse sentido foi de molde a não deixar dúvidas, chega à seguinte conclusão:

"A triste verdade é que os corretores de imóveis não querem que NINGUÉM construa casas que dêem para alugar a todos nós. Sabem que os construtores privados não o podem fazer e empregam toda a sua influência junto ao governo federal e aos governos estaduais no sentido de impedir que o governo tome essa iniciativa, ou auxiliie qualquer companhia que se proponha fazê-lo. Seu objetivo é proteger os lucros de um pequeno grupo de proprietários, muitas vezes donos de pardeiros indignos de se morar neles e que nunca os alugariam se os moradores tivessem escolha. E está claro que o conforto e o bem-estar da humanidade não entram nas cogitações desses especuladores. Só o que lhes interessa são os lucros..."

"Durante a guerra, nós pla-

nificamos a nossa atividade industrial para auxiliar o esforço de guerra. Os lucros que esse trabalho rendeu não ficaram inteiramente nas mãos dos capitalistas, pois grande parte era tomada pelos impostos extraordinários para custear a guerra. Com doze milhões de homens nas forças armadas, nós os vestimos e alimentamos melhor do que nunca. Produzimos mais de cem milhões de aviões por ano, e inúmeros navios, tanques, metralhadoras, etc., mantendo no país o mais alto padrão de vida que já conhecemos.

"Mas quando a guerra cessou, em vez de canalizar esses recursos na produção de artigos de consumo, casas, etc., para atender às necessidades do povo, os interesses dos capitalistas vieram de novo à tona, reclamando maiores lucros..."

"Ora, nós sabemos que o lucro vai de mãos dadas com a escassez. Quanto maior a escassez, maior o lucro. Quando há abundância, o lucro desaparece. E por conseguinte, enquanto vivermos sob o regime dos lucros, nunca teremos abundância. Só quando produzirmos para satisfazer às necessidades de todos, e não para o lucro de uns poucos, é que poderemos viver na abundância."

Vanguarda SOCIALISTA

Semanário marxista de interpretação e doutrina Ano II — 13 de Dezembro, 1946 — N.º 68

Diretor: MARIO PEDROSA. Secretário: HYLICAR LEITE Redação e Administração: Av. Pres. Antonio Carlos, 207 — 3.º andar, grupo 302 sala C Rio de Janeiro

Assinatura anual Cr\$ 30,00 Numero avulso Cr\$ 0,50 Nos Estados Cr\$ 0,60 Numero atrasado Cr\$ 1,00 OS cheques ou vales postais devem ser emitidos em nome de Hylcar Leite.

Pomar de asneiras

... todos sabem — não só através palavras repetidas como de atos também repetidos — que o nosso Partido luta hoje por uma democracia capitalista no Brasil...

JORGE AMADO (deputado comunista) (De um artigo publicado no jornal "Resistência", em 21 de Novembro de 1946.)

Você me pergunta se os acontecimentos políticos da Rússia, por mim analisados sumariamente em cartas anteriores, tiveram influência desfavorável sobre a orientação do Partido Comunista no Brasil. Mas é evidente! O "estágio" de Prestes nos domínios territoriais do seu patriota Stalin não teve outro objetivo senão transformá-lo em executante humilde das ordens emanadas de Moscou. Antes disso, tinha ele ainda umas fumaças de independência, chegando mesmo a organizar a famosa Liga de Ação Revolucionária, furiosamente atacada, aliás com toda a razão, embora sem coerência, pelos dirigentes do Partido Comunista. A ambição máxima de Prestes era tornar-se o supremo mentor, no Brasil, daquilo que ele — é verdade que menos reacionariamente do que hoje — supunha ser o "comunismo". O jornal do partido, "A classe operária", tachava-o então de "fascista", "lacaio do imperialismo", "policia", "cau-

dilho pequeno burguês" e outros palavrões que ele atualmente aplica aos seus adversários. Bem que disso está lembrado o Astrogildo, mas decerto lhe falta a necessária independência para incluir a coisa em suas reminiscências do órgão bolchevista. Essas xingações desproporcionadas, assim como os elogios, correspondem exatamente aos figurinos da União Soviética, os quais têm sempre uma "última moda" a respeito de cada assunto, salvo quanto à imunidade de linguagem, que se conserva sempre a mesma, isto é, estritamente fiel à moral do governo soviético. O ponto de vista oficial russo sobre os agentes estrangeiros de Moscou é o seguinte: "Quanto mais obedientes, melhor!" Por isso é que, como você não ignora, já se fala na substituição do Prestes pelo Brandão na secretaria-geral do Partido. Mas é um assunto que escapa ao objetivo que estabelecemos para esta nossa correspondência. Passemos, pois, sem crítica e sem história, ao exame dos problemas que mais de perto

Cartas a um operário do Partido Comunista

interessam o desenvolvimento do socialismo no Brasil. Há uma infinidade de incompreensões acerca de quase tudo: questão agrária, sindicatos, imperialismo, democracia, Estado, propriedade, etc... Começemos pela questão agrária, mas antes de mais nada, é preciso que nos entendamos quanto à significação das palavras que eu serei obrigado a empregar no curso desta exposição.

Pela expressão "questão agrária", eu designarei o conjunto dos problemas relacionados com a propriedade e o trabalho nos campos, quer se trate de "agricultura" propriamente dita ("lavouira"), quer de "pecuária" ou quaisquer outras atividades diretamente dependentes do solo. A expressão "trabalhadores agrícolas" abrangerá não somente os "assalariados" ou "proletários", mas também os "campo-

neses" ou "pequenos proprietários rurais". O Partido Comunista, com a eterna preocupação de russificar todos os problemas brasileiros, aplica o termo "camponês" a tudo quanto é habitante do campo, à exceção dos fazendeiros. Dessa maneira, para os nossos impagáveis comunistas, milhões de "assalariados agrícolas" são promovidos, sem nenhuma vantagem de ordem material, à categoria de "pequenos proprietários". Esses palhaços do marxismo não fazem, aliás, senão imitar a estupididade dos fazendeiros paulistas que se intitulavam "lavadores". Veja você como as palavras vão sendo usadas no Brasil, de acordo com a vontade ou a burrice de cada freguês. Mas toquemos pra diante.

A agricultura, entre nós, apesar do seu imenso atraso do ponto de vista técnico, oferece

esta vantagem, que é exatamente com o que vocês implicam: domina a grande propriedade territorial. A massa de camponeses é relativamente insignificante. Ora, para o socialismo, isso é uma verdadeira mão na roda. Em lugar de rachar as fazendas em mil pedaços, o que tem tanto de impossível quanto de reacionário, nós entregaremos as fazendas aos trabalhadores que as cultivavam. Se os senhores fazendeiros o desejarem, não criaremos obstáculos à sua inclusão nesse número, desde que para isso revelem possuir os conhecimentos necessários, o que em verdade é bem duvidoso. O que também não faremos de modo algum — ou melhor, o que de modo algum eu ajudarei a fazer — é a entrega das terras ao Estado, pouco me importando que ele seja "burguês" ou "proletário". Em relação às fazendas coletivas do futuro, o Estado proletário agiria como incentivador, como colaborador, como fornecedor de máquinas e ferramentas, mas sem tirar a autonomia

dos órgãos dirigentes livremente eleitos pelos trabalhadores. A atitude do Estado proletário para com a propriedade socialista será, em suma, análoga à atitude do Estado burguês para com a propriedade individual: de proteção, de amparo, de defesa.

Dividir as terras — como pretende o Partido Comunista, só porque na Rússia as terras foram divididas (e o resultado já se conhece) — é andar para trás e não para a frente, é criar novas bases para o desenvolvimento do capitalismo e para o eterno renascer da burguesia.

Por hoje, basta. Mas ainda precisamos conversar um pouco mais sobre essa questão.

ANTONIO

NOTA DA REDAÇÃO: As cartas XI, XII e XIII foram publicadas sob a forma de artigos, no número de 29 de novembro de "Vanguarda Socialista", com os títulos: "Explicando o socialismo" (XI) e "A luta de classes e o internacionalismo" (XII e XIII).

SFMANÁRIO MARXISTA — CIRCULA ÀS SEXTAS-FEIRAS

Vanguarda SOCIALISTA

ANO II Sexta-feira, 13 de Dezembro de 1946 N.º 68

Falida a Fundação da Casa Popular

Mais uma vez volta a Fundação da Casa Popular ao cenário. Dessa vez, coube ao deputado José Bonifácio, da UDN de Minas, de por a nu as mazelas daquela entidade. A nosso vê, o representante udenista somente errou ao qualificar a Fundação de quimera. É apenas uma farsa, e muito mal apresentada.

Gritamos nós aqui e gritaram vários técnicos que a Fundação era uma simples manobra demagogia do Negro de Lima. Não poderia nada fazer sem capital, apenas com um fundo de três milhões de cruzeiros. Criada para tapar, sem nenhuma possibilidade de realização de seus objetivos, reacionários e irrealis, a Fundação da Casa Popular teria de ser apenas mais uma repartição inútil, mais uma valvula para gastar os dinheiros do povo.

O deputado José Bonifácio trouxe informações de valor, para que se ficasse sabendo das despesas da instituição. Seiscentos mil cruzeiros foram gastos na compra de móveis, cortinas e tapetes (entre os quais o célebre tapete persa que é disputado entre os diretores da Fundação como se fora um signo de poder). Duzentos mil cruzeiros são dispendidos mensalmente para a manutenção da inutilidade burocrática, com os seus funcionários que nada fazem e com os alugueis de quarenta mil cruzeiros pelos dois andares no edifício da A. B. I.

Por esses dados, a Fundação está às portas da falência. Do fundo inicial de três milhões

"Em lugar da velha sociedade civil a classe laboriosa, no curso de seu desenvolvimento, instituirá uma associação onde não existirão as classes nem seus antagonismos; e, desde então, não haverá mais poder político propriamente dito, pois o poder político é precisamente o resumo oficial do antagonismo existente na sociedade civil". (Karl Marx, "Miseria da Filosofia")

Pagamento imediato da remuneração do dia de descanso semanal!

Os patrões e o Ministério do Trabalho estão de mão dadas para lesar os trabalhadores na remuneração do dia de descanso remunerado, feriado e santificados. Querem apenas que esse pagamento caiba apenas quando os empregados não faltarem nenhum dia da semana.

Contra tal inteligência do preceito constitucional, devem levantar-se todos os sindicatos e trabalhadores. Todos nós temos de lutar para que os dias de descanso semanal, os feriados e

nada ou pouco coisa deve restar. Mas ninguém pense que será extinta. Ela faz parte do maquinário mistificador do Estado e, como outras "instituições" ligadas ao Ministério do Trabalho, passará a ser "financiada", ilegal e imoralmente pelos fundos do Imposto Sindical cujas tetas sustentam inúmeros parasitas e vários comissões e entidades burocráticas inúteis.

A atividade da Fundação da Casa Popular tem sido, até hoje, a de assinaturas de contratos com prefeituras do interior, servindo aos interesses eleitora-

O processo e as custas na Justiça do Trabalho

A reforma da legislação trabalhista é uma questão de urgência, que, infelizmente, não vem sendo cuidada com energia no Congresso. Muitos dispositivos fascistas precisam ser expurgados, especialmente na parte referente à organização sindical, e várias garantias asseguradas na Constituição de 18 de setembro precisam ser incorporadas à legislação.

Entre as reformas mais urgentes está se fazendo sentir a do sistema do processo na Justiça do Trabalho. O processo trabalhista, em vez de ser mais simples, mais rápido e mais barato que o processo comum, é mais complicado, mais demorado e mais caro. Uma reclamação trabalhista às vezes demora anos para ser solucionada, enquanto que na justiça comum poderia ser resolvida em meses, devido ao sistema de processo. As partes têm que esperar sempre que seja marcada audiência para praticar qualquer ato e fazer o processo andar. E às vezes, devido ao acúmulo de reclamações, há intervalo de meses entre uma audiência e outra. E, naturalmente, essas demoras só podem favorecer aos patrões, não só porque o dinheiro se desvaloriza

listas de deputados e senadores pessedistas.

Viverá a Fundação da Casa Popular própria à custa de "financiamentos" do Imposto Sindical e do adicional de 1% nas transmissões imobiliárias. Este último levanta protestos de toda a ordem e não demorará muito a cair. Ficará a Fundação a vegetar, gastando várias dezenas de milhares de cruzeiros, até que a um impulso consciente das massas seja o governo ocupado por gente interessada em lavar as entrebarras do Estado.

za dia a dia e, portanto, quando o empregado vem a receber aquilo que pleiteara já recebe uma quantia realmente menor, como também porque o empregado acaba sempre sendo forçado pela necessidade a fazer acordos prejudiciais aos seus interesses, mais não ter que esperar muito tempo pelo recebimento do dinheiro a que tem direito.

Outra reforma importante é no que se refere a custas. A atual legislação torna a Justiça do Trabalho incrivelmente cara, com o sistema de custas proporcionais ao valor da reclamação. E as custas são iguais para empregados e empregadores, o que é uma monstruosidade nessa Justiça que se diz de "proteção aos trabalhadores", porque os recursos econômicos entre empregados e empregadores são tremendamente desiguais. É verdade que durante o governo Linhares, a Consolidação das Leis do Trabalho foi modificada, no sentido de ser permitido aos presidentes de Juntas de Conciliação dispensar os empregados das custas, quando ganharem menos que o dobro do salário mínimo ou provarem estado de pobreza. Mas isso de nada vale. É preciso que a própria lei garanta um processo fácil e barato, na Justiça do Trabalho, ao trabalhador.

O empregado, por isso, deve ficar totalmente isento de custas ou, então, pagar um mínimo, proporcional ao volume de trabalhos no processo e não proporcional ao valor da reclamação. Os patrões, que têm recursos, estes que continuam pelo regime atual.

Liberdade

A liberdade reservada aos partidários do governo, a liberdade para os membros de um partido, por mais numerosos que sejam estes, não é a liberdade. A liberdade não é nada para ninguém, se não for a liberdade daquele que pensa de modo diverso. Não se trata de um fanatismo de "justiça", e sim de todo o imenso poder de ensinar, de purificar e de curar que se prende à liberdade política e que está destinado a desaparecer, quando esta liberdade passa a ser um privilégio...

ROSALUXEMBURGO

Todos aqueles que se interessam pelos problemas econômicos de nossos dias estão numa atitude de expectativa, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos nas minas de carvão da Inglaterra. Porque é este um dos principais problemas que vão pôr à prova a capacidade do governo trabalhista.

Houve um tempo em que se pintava o tubarão britânico sentado sobre um saco de lã, que simbolizava a fonte da força econômica da Inglaterra. Mas no começo deste século dizia-se que o saco de lã devia ser substituído por um saco de carvão. Naquele tempo, o carvão inglês praticamente inundava os mercados do mundo. Carregado por todos os mares nos porões dos cargueiros britânicos, esse carvão era a base da riqueza capitalista de John Bull. Os donos das minas de carvão, que tiravam sua prosperidade da exploração inexorável da grande riqueza natural de sua terra, a governavam com pulso de ferro. Todos pareciam pensar que aquela fonte de prosperidade era perene, e com a imprevidência que caracteriza o regime de exploração capitalista, ia-se tirando daquele poço de abundância tudo que era possível tirar, para enriquecer o grande senhor e sem pensar no bem-estar do povo. E as galerias das minas iam-se afundando cada vez mais, e está claro que quando mais fundo se tem de ir, mais alto é o custo da extração.

O resultado, embora lógico, deu-se inesperadamente, surpreendendo a todos: a produção de carvão norte-americano foi-se elevando cada vez mais, até ultrapassar tudo que a Inglaterra já produziu nos seus melhores dias, enquanto que o carvão in-

Processos imorais do governo sobre a Previdência Social

Torna-se mais do que nunca necessário obrigar o governo a expor clara e honestamente os seus objetivos em relação às instituições de previdência social. Os interesses imediatos e remotos ligados a essas entidades não podem servir ao jogo do Governo e dos partidos políticos. A segurança de milhares e milhares de pensões e aposentadorias, a garantia de milhões e milhões de cruzeiros arrancados a título de contribuição exigem que o governo exponha, sem subterfúgios, seus objetivos quanto aos institutos.

O Governo do sr. Dutra dissolveu a comissão de estudo e planificação do Instituto de Seguros Sociais do Brasil, que unificaria todas as entidades de previdência social. Depois, o mesmo Governo do sr. Dutra anunciou que cogitava de suspender temporariamente as contribuições governamentais. Mais adiante, ainda o Governo do sr. Dutra mandou seus "dips" disfarçados anunciarem que haveria uma reforma nos planos de benefícios e contribuições. Agora, volta a falar que

A nacionalização das minas de carvão na Inglaterra

glês perdia mercados, incapaz de enfrentar a concorrência.

Por outro lado, o trabalhador inglês começou a levantar suas reivindicações contra a vida intolerável imposta aos mineiros de carvão. Depois de agitações, greves, e de gestos sem consequência dos conservadores no sentido da nacionalização, depois de um período em que se verificou um contínuo exodo dos trabalhadores qualificados abandonando as minas de carvão, quando o Partido Trabalhista chegou ao governo a nacionalização das minas de carvão estava no primeiro ponto da ordem do dia. Mesmo os tubarões empedernidos da indústria carbonífera já se viam forçados a reconhecer que não havia outra solução para o problema.

Assim, essa indústria chave da Inglaterra foi cair nas mãos do governo, como um fruto maduro. E os trabalhistas perplexos tiveram ocasião de ver o montão de ruínas e de destroços que lhes era assim entregue. Essa indústria outrora poderosa fora a tal ponto destruída pela cobiça dos capitalistas que sob muitos aspectos tudo tem de ser reconhecido, e isto depois de se vir extraindo há séculos a riqueza carbonífera da Grã Bretanha.

Até aqui, o governo trabalhista parece não ter sabido encontrar outra solução a não ser a que nosso colaborador Heinrich Leder descreveu e denunciou em seu artigo sobre o trabalho escravo na Europa de pós-guerra, publicando no número 53 de "Vanguarda Socialista" — isto é, recorreu à exploração intensiva dos ex-prisioneiros de guerra alemães. Esta, porém, é evidentemente uma solução indigna de um regime que se diz socialista, e levaria a Inglaterra pelo mesmo caminho seguido pela Rússia de Stalin.

Urge que o governo de Atlee dê a essa questão vital para a Inglaterra uma saída que seja consentânea, não só com os interesses de momento de um grupo de trabalhadores britânicos, mas também com os princípios de liberdade e igualdade sem os quais não poderá haver socialismo.

A socialização não parece ser a medida capaz de resolver esse problema, visto que a chave da mineração produtiva está na mecanização. E quando se fala em mecanizar minas de carvão, isto quer dizer operações móveis a começar pelo corte das galerias e a terminar pela descarga automática das vagonetas nos vagões ferroviários, depois de passar por toda uma série de etapas que requerem mecanismos caros e operários altamente qualificados. A técnica da extração de carvão, desenvolvida pelos alemães para alcançar o máximo de rendimento na sua preparação para a guerra, foi depois adotada pelos mineiros de carvão em quase todos os outros países, e a Inglaterra, que ficou para trás nesse processo, tem de modernizar a sua indústria se quiser continuar a produzir carvão sem prejuízo. E para atrair para as suas minas os operários qualificados que os processos modernos requerem, será preciso dispendir grandes somas para melhorar as condições de vida e de trabalho dos mineiros. Um programa desta natureza, numa indústria nacional básica como é a do carvão na Inglaterra, dificilmente poderia ser levado adiante por cooperativas ou por uma indústria socializada, e reclama a interferência do estado.

O problema do carvão, nas condições atuais, acarreta dificuldades que por vezes parecem insuperáveis. Mas faz parte das tradições do socialismo atacar e resolver os problemas "insuperáveis". É isto o que o trabalho britânico tem de fazer agora, e esperemos que ele se mostre à altura da tarefa e saiba sair vitorioso dessa difícil prova.

Ordem do ministro do Trabalho aos presidentes dos sindicatos

Noutro dia os jornais publicaram com destaque a audiência do ministro do Trabalho com os presidentes dos sindicatos do Distrito Federal. O dip do sr. Morvan de Figueiredo, encheu muitas colunas dos jornais, mas o motivo da entrevista não foi publicado.

Por mais estranho que pareça, o ministro do Trabalho ordenou que os presidentes dos sindicatos não mais impetrassem reclamações e solicitassem adiamento das já entregues à Justiça do Trabalho, no tocante à remuneração do dia de descanso semanal, que são em grande número, tendo já algumas juntas da Justiça do Trabalho decidido favoravelmente aos interesses dos trabalhadores.

Os presidentes, como bons e disciplinados burocratas, aten-

deram à ordem, inclusive os das organizações controladas pelos comunistas.

Um deles foi pedr a um presidente de Junta o adiamento do julgamento duma reclamação já em pauta. O juiz declarou que não era possível e que se o sindicato deixasse de comparecer, pois assim o caso seria arquivado.

O burocrata comunista preferiu ver a reclamação arquivada, abandonando assim os interesses dos trabalhadores cumprindo a ordem descabida do ministro.

Vejam os trabalhadores como agem os comunistas, os petebistas e ministerialistas. Todos não passam de meros lacaios do governo e cumprem as ordens ministeriais, e mesmo as mais imorais e prejudiciais aos trabalhadores.